

EDITORIAL

DOSSIÊ TEORIA ARQUEOLÓGICA CONTEMPORÂNEA

O volume XIX, número 2, da Revista FUMDHAMentos é composto por um dossiê, somando-se 7 (sete) trabalhos inéditos. O volume especial Teoria Arqueológica Contemporânea, organizado por, Alencar Miranda Amaral e Leandro Elias Canaan Mageste compila trabalhos que resultaram de discussões realizadas no 2º Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea da Universidade Federal do Vale do São Francisco - Univasf.

O presente dossiê reúne artigos voltados para discussão de teorias, métodos e experiências que têm confrontado as práticas arqueológicas na contemporaneidade. Envolve a problematização de diferentes tipos de materialidades, discursos e práticas patrimoniais, em compasso com uma multiplicidade de construções metodológicas e afetivas cabíveis para a investigação de variados contextos temporais e sociais.

Trata-se de desdobramento das parcerias e encontros firmados em torno do 2º Seminário de Teoria Arqueológica Contemporânea e 2º Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação - SETA - realizado em agosto de 2021, com o tema “Perspectivas arqueológicas no Presente e para o Futuro”. O SETA consiste em evento regular voltado para teoria arqueológica contemporânea e suas interfaces disciplinares, sendo articulado no intuito de estimular a produção e publicização de pesquisas desenvolvidas no escopo da pós-graduação. Entre uma diversidade de abordagens possíveis, as investigações conduzidas aproximam-se ao reconfigurar os sentidos de Arqueologia, que deixa de ser somente o estudo dos vestígios materiais de um passado apartado da experiência, para se tornar terreno propício para reflexões sobre os engajamentos entre tempos, memórias, tecnologias, materialidade e política.

De fato, entendemos como teoria arqueológica contemporânea um conjunto de abordagens, fundado em perspectivas de algum modo atentas para as críticas e questionamentos a respeito dos compromissos profissionais, éticos e políticos que têm desafiado os pesquisadores ao produzirem suas interpretações. Na conjuntura, os textos apresentados neste dossiê, problematizam desde temas associados à “história de vida de pessoas e coisas”; as demandas

sobre os bens patrimoniais e as narrativas construídas sobre os mesmos; e, até questões teóricas e éticas atinentes ao emprego de ferramentas computacionais e aos sistemas de informação geográficas. Em termos práticos, são trabalhos que nos convidam a reposicionar a Arqueologia como o estudo da cultura material em suas diferentes dimensões, borrando as divisões tais como passado e presente; sujeitos e objetos, materialidade e imaterialidade, memória e história. Portanto, discutem-se as possibilidades ofertadas pela Arqueologia para o escrutínio de processos sociais que tiveram cabo tanto em um passado longínquo como em períodos recentes, auxiliando-nos a identificar e compreender a miríade de relações estabelecidas entre pessoas, coisas, lugares ...

Neste mister, organizam-se um conjunto de textos voltados para contextos arqueológicos familiares e atentos para as conexões afetivas entre cultura material, pesquisadores e sociedade. Abrindo este bloco, encontra-se o ensaio de Katia Castro e Mauro Fontes. Na iniciativa, os autores focam-se nos discursos produzidos não por cientistas, mas pelos moradores do Território Quilombola Lagoas, em São Raimundo Nonato, no Piauí, mas especificamente na localidade de Castanheiro dos Macários. Trata-se de povoado de origem da primeira autora, que enxerga na instrumentalização de perspectivas sobre patrimônio, uma oportunidade de conferir visibilidade para as histórias e materialidades que se constituem na dimensão do cotidiano. Na prática, ao transitar pela comunidade, os autores buscam perceber seus lugares de memória, com ênfase no bem denominado de Pé de Figueira, que ativam narrativas sobre a vida no passado e presente.

Já Amanda Silva e Leandro Mageste voltam seus olhares para outro quadro familiar e afetivo, que é o uso da indumentária dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, situada também em São Raimundo Nonato, no Piauí. No trabalho, são instrumentalizados conceitos de cultura material e memória, para apresentar as vestimentas produzidas em couro como artefatos permeados por significados, em conexão com os cenários ambientais, históricos e simbólicos da localidade. Na interface entre narrativas e materialidades, é discutida a constituição e a autoimagem da figura dos vaqueiros, onde as roupas exercem, ao mesmo tempo, o papel de extensão do corpo e de signo, que revela certa perspectiva de vida e comprometimento com o trato de caprinos e bovinos.

Por sua vez, Alinny Alves e colaboradores buscam registrar histórias, espaços e objetos associados a grupos familiares que se instalaram na região Sudeste do Piauí ao longo do século XIX. Partindo da formulação de um Inventário Participativo, os autores discutem a relevância da elaboração de narrativas colaborativas sobre a história e o patrimônio local, analisando o potencial das “coisas e histórias de família” para a compreensão do processo de ocupação do Sudeste do Piauí e superação dos limites dos discursos autorizados sobre o patrimônio. Deste modo, os autores apresentam objetos, locais e narrativas, selecionando pessoas de São Raimundo Nonato e Bonfim do Piauí, para debater como as relações estabelecidas com o patrimônio perpassam por valores familiares e afetivos nem sempre reconhecidos pelo aparato legal e administrativo oficial.

Os processos de patrimonialização orientados por vieses afetivos, podem culminar na organização de espaços consagrados para a comunicação das relações de sentidos entre artefatos e memórias. Esta premissa pode ser entendida como o ponto de partida para a investigação conduzida por Andreiza Silva e Leandro Mageste, que tem como foco o exame da trajetória de vida da colecionadora Marisa Muniz e a criação do Museu do Sertão Antônio Coelho, em Remanso, na Bahia. Por meio dos conceitos de coleção, colecionador e museu, os autores apresentam a indissociabilidade entre ciclos da vida e a formação de acervos de objetos, que se tornam extensão da colecionadora. Especificamente, associam o museu ao desejo de Marisa Muniz de resguardar as memórias da cidade de Remanso Velho, alagada pelas águas do rio São Francisco. A colecionadora atua para conferir concretude a este passado, por meio da junção de artefatos e, posteriormente, efetuando sua patrimonialização em um espaço museológico.

Mária Castro e Rodrigo Lessa Costa inspiram-se nas provocações suscitadas pela Arqueologia Pública para defenderem a importância de relações simétricas entre as narrativas científicas e as narrativas tradicionais. Assim, os autores analisam os dados sobre o Aldeamento de São João de Sendé, avaliando como estes se associam tanto à construção de um discurso “oficial” sobre a “colonização” e os indígenas da região, quanto com a formulação de narrativas e lembranças (individuais e coletivas) sobre o passado e o patrimônio arqueológico do município de Tanque do Piauí. Para além de perquirir e problematizar a validade de múltiplos discursos sobre o patrimônio, os autores exemplificam a intrínseca relação entre os materiais arqueológicos e as

narrativas de seus colaboradores sobre a presença indígena, destacando a importância do protagonismo dos moradores locais no processo de condução das pesquisas acadêmicas.

Por fim, os artigos que encerram este dossiê estão dedicados à análise e problematização do emprego de tecnologias computacionais nos estudos sobre patrimônio e arqueologia. Assim, Marcos Lemos e Luciane Monteiro apresentam como o uso da “Informação Geográfica Voluntária no Instagram” pode ser empregado para a identificação, monitoramento e planejamento de ações de preservação e proteção de espaços e bens patrimoniais. Para tanto os autores realizam o estudo de caso das IGV’s e fotografias compartilhadas por usuários do Instagram que visitaram as estruturas da estação ferroviária do município de Chiador, localizado no Estado de Minas Gerais, demonstrando o potencial da ferramenta tanto na identificação de problemas gerados pela visita turística, quanto seu potencial no planejamento de medidas de proteção dos bens patrimoniais.

Por sua vez, Rafael Moraes e Leandro Surya nos convidam a pensar sobre o desenvolvimento das tecnologias e ferramentas informacionais na sociedade moderna, bem como seu emprego na arqueologia (especialmente dos sistemas de informação geográfica e do sensoriamento remoto). Os autores identificam a gênese destas tecnologias com a consolidação de perspectivas promotoras da manutenção da “colonialidade” e, na tentativa de superação destes problemas, refletem sobre o potencial do uso e desenvolvimento dos *softwares* livres e do emprego das “teorias descoloniais” nos estudos arqueológicos.

Na conjuntura, a publicação que apresentamos constitui canal para a divulgação das pesquisas desenvolvidas no semiárido, conferindo visibilidade para perspectivas de arqueologia e patrimônio que se configuram em diferentes realidades temporais e sociais. Institucionalmente, busca fortalecer núcleos de pesquisa e ensino situados no interior do país. Ao mesmo tempo, serve ao propósito de aprofundar relações de parceria entre a Univasf e as demais instituições científicas atuantes na região, como é o caso da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdhm). Particularmente para o nosso contexto, isto se traduz em esforços para a consolidação do Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Univasf, sedimentando um *locus* para a condução de debates e proposição de abordagens.

Certamente não se trata de desafio pequeno para nossos colegas docentes e discentes, mas possível de ser concretizado quando nos deparamos com a riqueza temática e comprometimento social das pesquisas em curso. Sinceramente, esperamos que os artigos que seguem ofereçam certo alento, ao informar sobre atuação constante e transformadora da universidade pública, na produção de conhecimento especializado e socialmente relevante. Boa leitura a todos (as)!

Alencar Miranda Amaral¹

Leandro Elias Canaan Mageste²

1 Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque e Carqueol Univasf), professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: alencar.amaral@univasf.edu.br

2 Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque e Carqueol Univasf). E-mail: leandromageste@gmail.com